

TRADUÇÃO E IDENTIDADE: O TRADUTOR COMO TRANSMORFO

Alvaro L. Hattnher*

As mais recentes abordagens sobre as teorias da tradução têm buscado apresentar perspectivas que se distanciem das concepções mais tradicionais sobre o ato tradutório, também chamadas "logocêntricas". As novas correntes visam, entre outras coisas, reverter a idéia (ou o mito) da invisibilidade do tradutor. Tal concepção pressupõe que o nível qualitativo de uma tradução se mediria pelo nível de apagamento (ou invisibilidade) do tradutor no texto. Considera-se, assim, o "bom texto traduzido" aquele que motiva comentários do tipo "está tão bem escrito, tão fiel ao original, a gente nem percebe que é tradução!", como se qualquer texto traduzido pudesse efetivamente prescindir da figura do tradutor e como se, por geração espontânea, pudesse ser produzido sem o concurso de um profissional de tradução.

É bem verdade que muitas vezes as condições que cercam a edição de um texto e sua transformação em produto de consumo criam um estado de coisas que eu chamaria de "invisibilidade compulsória": o ser humano que gastou horas e horas de trabalho mental quase sempre exaustivo não recebe sequer a menção de seu nome em uma edição, nos créditos de um filme ou nas páginas de uma história em quadrinhos. É

* Professor do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, São Paulo.

verdade também que essa situação melhorou muito nos últimos anos, embora ainda se possa registrar casos de flagrante "invisibilidade compulsória" nos textos publicados no país.¹ Daí a importância das tentativas de reversão do "signo da invisibilidade" tradicionalmente atribuído aos tradutores. Como afirma Rosemary Arrojo:

*Quanto mais visível se tornar a presença do tradutor no texto traduzido, quanto maior sua visão — ou "visibilidade" — acerca do processo do qual é agente e promotor, menores serão as chances de que seja ignorado, marginalizado e indignamente remunerado.*²

Dessa forma, acredito que uma das tarefas das teorias sobre tradução seja buscar a redefinição do espaço que ocupa o tradutor e, conseqüentemente, a definição de uma identidade que o caracterize e que possa ser nitidamente expressa.

Mouszkat define identidade como

*experiência emocional que permite a cada Ser perceber-se como entidade única e separada do Outro, que é ao mesmo tempo seu semelhante, e como entidade única apesar de suas contínuas transformações.*³

Essa definição parece aplicar-se perfeitamente à figura do tradutor: ele é o Outro sem deixar de ser ele mesmo. Ou melhor, o tradutor é (ou pode vir a ser) Outros. Essa capacidade de apresentar uma pluralidade de identidades ao mesmo tempo em que mantém sua própria e original identidade me leva a pensar no tradutor como um *shape-shifter*, um transmorfo. O termo, tomado de empréstimo à mitologia das histórias

¹ Exemplo disso são alguns textos publicados na revista *Manchete*, onde não se faz qualquer referência aos tradutores.

² ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas (19):57-73, jan./jun., 1992, p.70.

³ MOUSZKAT, Malvina. *Consciência e Identidade*. São Paulo : Ática, 1986, p.22.

em quadrinho⁴, designa todo o ser que tem a capacidade de transmutar-se em outro, adquirindo as feições externas do outro, sem perder o conjunto de atributos mentais que o definem originalmente. O transmorfo transforma-se no Outro a seu bel-prazer, podendo sempre que quiser retornar a seu aspecto original.

Da mesma forma, o tradutor assume traços e feições do autor (ou autores) que traduz, imprimindo na escritura do Outro sua própria caligrafia. Traduzo Dashiell Hammett e sou um, traduzo Peter Burke e me vejo transformado em outro, e até mesmo posso assumir as feições de um autor mais invisível que alguns tradutores, ou seja, o autor do manual técnico.

O tradutor não é só transmorfo por sua capacidade de se transformar em vários autores diferentes, mas também por se transformar em vários Eus (e Outros) ao longo de um mesmo texto, de acordo com as necessidades e desafios que cada texto apresenta ao profissional de tradução. Se pensarmos na multiplicidade de ligações que um mesmo texto estabelece com vários outros, podemos perceber claramente de que maneira se manifesta a pluralidade de identidades do tradutor. O tradutor torna-se um dos fios que atam os nós de uma rede, para utilizar uma expressão de Foucault.⁵

A multiplicidade de identidades do tradutor afirma-se, portanto, no texto traduzido, materialização da voz do tradutor, voz que é dele e do(s) Outros(s). Entretanto, raramente essa voz é ouvida. À exceção das pessoas teoricamente treinadas para perceberem sua existência, a voz dos tradutores poucas vezes é percebida pelos destinatários de sua produção. O grande público lê um romance e não ouve essa voz, vê um filme le-

⁴ A figura do transmorfo tem sido freqüente nos enredos das histórias da Marvel Comics e DC Comics (publicadas aqui pela Editora Abril). O cinema também a tem utilizado, como no caso do filme *O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final* (1991), dirigido por James Cameron, onde o antagonista é um andróide transmorfo.

⁵ Foucault afirma que "(...) as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede". In *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3.ed. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1987, p.26.

gendado e nas legendas, microdiscurso dentro do macrodiscurso filmico, a voz não aparece (a não ser quando há o "engano" do tradutor...), o mesmo ocorrendo, talvez em maior escala, com os filmes dublados.

Creio que seria possível estabelecer uma gradação para a presença da voz do tradutor nesses e em outros textos. Creio também que, dentro de tal gradação, o meio privilegiado para manifestação da presença do tradutor é o livro. Não me refiro aqui a um nome impresso em uma das páginas iniciais (o que nem sempre acontece) ou na quarta capa (o que é mais incomum ainda). Para além da consciência de que o texto traduzido pertence, num primeiro momento, ao tradutor-leitor-autor, penso que os textos traduzidos possuem traços, marcas, materializações gráficas adicionais da voz do tradutor e, portanto, de sua identidade.

Entre essas marcas, as notas de rodapé representam um *locus* especial de expressão da voz do tradutor. A nota é enunciação, é o estabelecimento de um diálogo que envolve não só o tradutor com o leitor, mas também o tradutor com o autor, é afirmação, ainda que momentânea e pontual, da(s) identidade(s) do tradutor. Como afirma Duke, as notas simbolizariam um auto-reconhecimento do tradutor enquanto "*produtor textual consciente*".⁶

Um dos textos que melhor poderia exemplificar essas idéias é a tradução feita por Paulo Leminski do romance *Ask the Dust*, escrito pelo norte-americano John Fante (1909-1983).⁷ O texto de Leminski apresenta um total de 12 notas, sendo que 3 delas não apresentam o "crachá de identificação" (a marca [N. do T.]), muito embora, por comparação, seja possível identificá-las como notas do tradutor.

O que torna as notas de *Pergunte ao Pó* tão especiais e saborosas para a análise é o fato de nos levarem a perceber, em alto e bom tom, a voz de Leminski, tradutor, poeta, autor, pensador (não necessariamente nessa ordem). Elas não são apenas notas léxico-semânticas, situacionais ou de dupla função, classificação que eu mesmo propus em trabalho de

⁶ In DUKE, Dawn Alexis. *Traçando os rumos da nota do tradutor: o caso de O Mundo se despedaça*. Campinas : UNICAMP, 1993. 179p. (Dissertação de Mestrado), p.163.

⁷ FANTE, John. *Pergunte ao pó*. Tradução de Paulo Leminski. São Paulo : Brasiliense, 1984. Todas as indicações de página referem-se a essa edição.

quase 10 anos atrás e que talvez mereça ser revisado.⁸ As notas de Leminski comentam, interpretam e questionam o texto original, estabelecendo-lhe extensões e ampliando para o leitor as possibilidades de desvendamento textual.

A leitura das notas, na articulação que estabelecem com o texto de Fante e com o texto em português, revela a voz de um tradutor transformor que assume diversas "imagens" na medida em que se transforma em crítico, admirador, informador, intérprete, ou simplesmente se "redime" daquilo que poderia comprometer sua postura enquanto tradutor-autor.

Veja-se por exemplo, a nota da página 79 da tradução. No corpo do texto há o seguinte poema:

*Muito esqueci, Camila, e o vento levou,
Rosas, rosas, rosas e tudo o que sou
Dançando até os lírios perdidos da tua mente
Mas eu estava só e tão só, completamente,
Sim, sempre, porque essa dança não tem fim,
Fui fiel, Camila, fui fiel a ti, além de mim.*

Na nota do tradutor, Leminski afirma: "O poema é tão idiota no original quanto na tradução". O tradutor aqui se antecipa a um possível comentário do leitor, e "lava as mãos" no que diz respeito às qualidades artísticas do texto de sua autoria e do original de Fante. A nota funciona como voz que critica e se critica simultaneamente. Mais adiante, na ocorrência de um outro poema (p.84), o mesmo foi mantido em inglês no corpo do texto e a nota que acompanha diz: "Aí vai a tradução literal, que eu tenho mais o que fazer", seguindo-se a tradução "literal" do poema. Descaso ou preguiça do tradutor? Creio que o mais adequado seria pensar no estabelecimento de um convite ao leitor para que este, transformando-se momentaneamente em tradutor, buscasse uma outra forma de tradução. O caráter lúdico dessa proposta só pode se estabelecer na medida em que a voz do tradutor se manifesta como tal, como convite à interação com o texto, embora o leitor possa alegar que também tenha mais o que fazer...

⁸ HATTNHER, A. L. Nota de pé de página: Alicerce Fundamental da Tradução. *Tradução & Comunicação*. São Paulo, 6:89-100, jul. 1985.

Em vários momentos, Leminski revela ao leitor o processo de interpretação que o conduziu a determinadas opções de tradução. Por exemplo, na primeira nota ao texto (p.28), ele traduz "*The haven of the booboisie, of boobs and bounders and all brummagen mountebanks*" por "*o refúgio da burguesia, dos bobocas e bitolados e todos os saltimbancos de quinquilharias*" e lança uma nota onde expõe sua interpretação, não só sobre o original, mas também sobre uma possível intertextualidade: "*Clara aqui, a influência de Joyce, católico negador do catolicismo como Fante*". Em outra nota, que exemplificaria o mesmo tipo de postura, Leminski, além de explicar sua opção de traduzir "*(...) and shhhhhhhhhed me to be quiet*" por "*(...) e psssssssssiou-me para ficar quieto*", cria para o leitor a possibilidade de fruição das características de produção de sentidos do original, inclusive com direito a um trocadilho. Diz a nota:

(...) joycieana verbalização icônica da onomatopéia de pedir silêncio, "hush". Num nível mais profundo de subsentido, dá para ver na palavra inglesa um re-verberar do pronome feminino she, insinuando um ar homossexual (in-SHE-nuando), na chegada de Hellfrick.

Ao longo de *Pergunte ao pó*, o (tr) a (d) utor Paulo Leminski metamorfoseia-se e dialoga continuamente com o leitor e com o próprio John Fante. Encontro a comprovação disso em uma das quatro "Especificações Técnicas" que o tradutor acrescenta ao final do livro, outra manifestação concreta de sua voz.⁹ Ele nos conta ter traduzido *Ask the Dust* sem ter feito uma leitura prévia do original:

*Foi já traduzindo que fui lendo, frase após frase.
A surpresa de cada frase, de cada episódio, de cada*

⁹ Há outras marcas interessantes. Além das "Especificações Técnicas", onde Leminski inclusive "agradece" a Fante pelas personagens do livro e "*por todas essas bobagens em que consiste isso que se chama viver, e que, sem você, hoje, já teriam virado pó*", encontra-se depois do último parágrafo do livro a "assinatura" do tradutor, com o seguinte texto:

tradução:

Paulo Leminski

março-abril-maio 1984.

parágrafo, de cada mudança da fortuna, essa surpresa produzindo a energia necessária para passar a frase ao português.

Interessante e valiosa essa inversão (ou seria não-diferenciação?) entre a postura tradicional de "ler antes de traduzir". Ela pode significar um caminho novo para reflexão sobre as práticas de tradução e sobre o ensino dessas práticas. Mais ainda, toda a postura de Leminski na tradução de *Ask the Dust* pode nos revelar claramente a relação entre multiplicidade e unicidade que se dá *em todo o processo tradutório*. O tradutor múltiplo e uno fala, e a percepção de sua voz nos auxiliará não só a compreender sua identidade, mas também a perceber parte da complexidade e fascínio envolvidos no ato de traduzir.¹⁰

¹⁰ As reflexões que deram origem a este trabalho foram apresentadas no Colóquio "Língua e Identidade", realizado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP em 09 de maio de 1994. Agradeço a Nícea Adams Bonatti pelo convite e a Cristina Carneiro Rodrigues pelo diálogo.